

AS HAGIOGRAFIAS FRANCISCANAS MEDIEVAIS E AS CIDADES COMUNAIS ITALIANAS DO SÉCULO XIII.

André Luis Pereira*

O presente trabalho tem como objetivo principal relacionar o estudo das cidades comunais italianas do século XIII, sobretudo as da parte centro-setentrional da península, com os textos hagiográficos acerca de São Francisco de Assis, compostos dentro dessa cronologia e desse espaço geográfico. Partimos da premissa de que esses textos, embora comprometidos com o gênero hagiográfico, estão permeados de elementos histórico-sociais referentes à constituição e vida das cidades, os quais podem servir ao historiador como mais um suporte no entendimento não só das instituições urbanas, bem como dos discursos elaborados para legitimá-las e moralizá-las de acordo com o projeto político-pastoral das ordens mendicantes, em particular a franciscana.

Para os efeitos que pretendemos, selecionamos os seguintes textos: *De inceptione Ordinis*, a *Legenda Trium Sociorum* e a *Compilatio Assisiensis* (1). Os resultados aqui apresentados são o resumo de uma pesquisa mais detalhada onde procedemos a uma análise do vocabulário e dos termos empregados para nomear, conceituar e “descrever” o que, para os hagiógrafos, era a cidade e a vida urbana, confrontando os resultados com outras legendas.

Ao estudarmos essas hagiografias, verificamos uma acentuada abertura ao urbano, aos seus detalhes, costumes, cultura, daí a importância desses textos para o estudo das cidades. Nessas obras podemos observar a existência de um sentimento urbano bastante singular na literatura de cunho hagiográfico. A *Trium Sociorum*, por exemplo, desde suas primeiras linhas e durante toda a narrativa, procura inserir S. Francisco dentro do contexto urbano de Assis.

O universo urbano é o cenário privilegiado da vida e vocação de S. Francisco. Todas as três narrativas são unânimes em situar a ação apostólico-itinerante da ordem minorítica nas cidades e pelas cidades. Esses textos fornecem ao historiador das cidades pistas numerosas e interessantes para o entendimento da relação dos mendicantes com os centros urbanos desde os inícios da ordem. Sobre este aspecto, conviria fazer uma confrontação detalhada deste material com outros documentos franciscanos de outras tradições, como a obra *celaniana* e *boaventuriana*, mas não é este o propósito dessa comunicação. Mesmo assim, convém notar que, embora todas essas obras estejam sob a órbita da figura de Francisco de Assis, nelas o universo urbano aparece sob diferentes tonalidades. Na obra de Tomás de Celano e na de São Boaventura, a cidade parece apagar-se, enquanto nos documentos de tradição leonina, à qual pertencem nossos textos, ela aparece com brilho próprio.

Michel de Certeau (2) diz que o documento hagiográfico parte sempre de um lugar “geográfico” – lugar fundador – (túmulo de mártir, mosteiro, congregação): “o percurso visa o retorno a este ponto de partida. O próprio itinerário da escrita conduz à visão do lugar: ler é ir ver.” Em muitas legendas, o ponto de partida é a linhagem aristocrática do santo, como a mostrar que o bom nascimento predispõe à santidade. Caso contrário ocorre, por exemplo, na *Trium Sociorum*. Nela o “lugar fundador”, o ponto de partida da vida de S. Francisco não é a linhagem, nem mosteiro ou congregação, mas a cidade. A primeira frase da legenda já relaciona a origem de Francisco ao “lugar fundador” de sua santidade: “*Franciscus de civitate Assisii oriundus quae in finibus Spoletanae vallis est sita*” Francisco, oriundo da cidade de Assis, situada nos limites do Vale de Espoleto (n. 2). O texto situa Francisco em sua cidade e situa a cidade em sua região. Este duplo movimento é encontrado em outras passagens: ao contar a vida de Francisco em sua cidade, também conta a história da cidade e algumas de suas vicissitudes.

Com algumas diferenças, o *De inceptioe ordinis* também situa o “lugar fundador”, agora já não apenas de Francisco, mas da ordem, no âmbito urbano. Questionados pelas pessoas que não os conheciam, os primeiros frades respondiam: “somos penitentes da cidade de Assis”/ *paenitentiales sumus, et in civitate Assisii nati fuimus* (n. 19). Neste texto, não só os frades, mas seu próprio movimento, nasceram em Assis: a cidade é o ponto de partida e de chegada.

Como se perderam os primeiros fólios da *Compilatio Assisiensis* não podemos conhecer seu início. Todavia, nela a dependência do contexto urbano é nítido. Mesmo quando o texto descreve um episódio também citado noutras legendas, como a *Vita Secunda* e a *Legenda Maior*, esta nos fornece elementos mais descritivos do lugar onde o episódio ocorreu. Se o lugar é uma cidade, a *Compilatio* traz sempre algum detalhe urbano maior que os apresentados por Tomás de Celano e Boaventura,¹ talvez, porque, textos *não oficiais*, como os aqui analisados, escaparam, de certa forma, à estrita subserviência a propósitos propagandísticos e hagiográficos declarados dentro da oficialidade da ortodoxia de estilo. Tais textos estão mais preocupados em responder aos membros da ordem como foram seus inícios, a fim de que o exemplo dos pais servisse de doutrina aos filhos.

Não restritos à tarefa de delinear o caráter da santidade de Francisco, estas hagiografias são mais eficazes na apresentação do mundo social *tout court* e das relações que esta *casta nova e inovadora de religiosos* (os mendicantes) travaram com esse mundo. No caso da permeabilidade destas fontes ao universo urbano italiano centro-setentrional no século XIII, podemos observar que seus autores estão investidos da missão de traçar um projeto de interesse para os frades no seu trato com a sociedade, a qual querem moldar segundo sua “visão de mundo”. O grande espaço desse diálogo

moralizante foi a cidade, nas suas múltiplas configurações, como veremos. Antes de descreverem as cidades, eles querem moralizá-la.

Todos os três textos têm por objetivo repropor o modelo da primitiva fraternidade à ordem minorítica que, na altura em que foram escritas (segunda metade do séc. XIII), já estava fortemente inserida no centro das cidades, com grandes conventos; nos centros do poder – corte papal e imperial; e nos centros da intelectualidade, as universidades. Frente aos novos desafios de uma ordem constituída, grande e influente, essas hagiografias procuraram reafirmar os ideais fundacionais da *fraternitas* franciscana, ainda mais porque seu público alvo eram os próprios frades.

Ligados e dependentes da memória dos primeiros *socii*, esses textos procuram servir de parâmetro na ação pastoral e na formação interna das novas gerações de frades que não conheceram o fundador. Como tal, esses textos também estavam a serviço de uma específica representação do santo fundador, cujo conteúdo apontava para os problemas partidários no interior da ordem franciscana. Com relação à *Compilatio Assisiensis*, por exemplo, Fernando Uribe (3) afirma que esta foi composta dentro do ambiente dos Espirituais, pois seu texto contém elementos polêmicos que expressam nostalgia dos primeiros tempos e reação contra o rumo que a ordem estava tomando. Talvez seja por esse motivo que a *Compilatio* concentrou a narração da expansão dos frades pelas cidades no âmbito da primeira implantação urbana (primeira metade do séc. XIII), quando os franciscanos estabeleciam suas casas, doadas ou alugadas, nas periferias e subúrbios, como se defendesse aquele tipo de procedimento. Além do mais, em várias passagens do texto, o hagiógrafo faz um relato detalhado de como Francisco queria que fossem construídas as moradias dos frades: as ínfimas dimensões, a pobreza do material, a não-propriedade; tudo isso leva a pensar no confronto entre os dois partidos que se formaram nesse período, os *frades zelantes* (depois os Espirituais) e os *frades da comunidade*.

Em fins do século XIII, na Itália, os frades da *comunidade* já haviam se inserido na malha urbana, nos centros das cidades, construindo grandes conventos e amplas igrejas. Desde a promulgação da bula *Quo elongati* em 1230, o papa havia deixado claro que os bens, móveis e imóveis, que a ordem tivesse, não lhe pertenciam; a ela ficava apenas o simples uso e não a propriedade. Com isso a pobreza, exigida na regra, encontrou um amortecedor: os frades podiam morar em amplos conventos, construídos à moda monástica, sem, contudo, terem o sentimento de culpa.

Ao registrar a simplicidade das casas, nas quais viveram as primeiras gerações franciscanas, essas hagiografias estavam criticando a inserção urbana que a *comunidade* tinha realizado. Ao insistirem que a moradia dos frades dos primeiros tempos era também o eremitério e o hospital de leprosos, ambos retirados da cidade, esses textos criticavam o total envolvimento da ordem minorítica na política urbana, sobretudo com as elites citadinas (nobreza e burguesia), as quais se tornaram as principais benfeitoras dos grandes conventos. Segundo esses textos, a ordem não podia se olvidar de que a intermitência dos frades entre o ermo e a cidade fazia o segredo de sua vocação. O revezamento entre esses dois espaços aproximava os frades da periferia e dos habitantes dessa periferia, ou seja, os marginais.

Em contrapartida, esses textos também legitimam a inserção dos minoritas no universo urbano, e o fazem por uma razão bem simples: os frades existem para converter o povo de seus pecados e chamá-lo à penitência; a cidade, enquanto catalisadora majoritária de um grande número de almas, era o local privilegiado de concentração de pessoas e, por isso, para elas se orientava a ação pastoral dos mendicantes. Mas havia um problema, as cidades eram o espaço do clero secular; as paróquias, com seus padres, seus cônegos, quadriculavam as cidades e forneciam assistência espiritual aos cidadãos. Como justificar, então, a “intrusão” dos mendicantes nesse espaço? Mostrando que o

clero secular era ineficiente no combate contra os pecados e vícios do povo, pois, quase sempre, esse clero, por suas origens e seu comportamento, mal se distinguia desse povo.

Assim, podemos dizer que as hagiografias franciscanas também estão comprometidas com a legitimação da inserção dos frades no ambiente urbano frente à resistência do clero secular em aceitá-los. Embora, em não poucas ocasiões, esses textos registrem o respeito e a submissão de São Francisco para com o clero secular, e seus conselhos aos frades, eles constroem um discurso de defesa contra as acusações desse clero, através de exemplos que mostram alguns padres seculares como gananciosos, fornicadores e relapsos.

A contenda entre o clero secular e mendicantes já era bastante atroz antes mesmo do início do séc XIV. No Segundo Concílio de Lyon (1274), os clérigos seculares procuraram invalidar a ação dos frades, sobretudo, com relação à administração do sacramento da confissão (acesso direto à consciência dos fiéis), concessão de indulgências e enterramento dos mortos; esses seriam, segundo o clero secular, seus atributos exclusivos (4). Independentemente de qual cronologia adotemos para a *Compilatio Assisiesis* (meados do século XIII ou início do XIV), os conflitos com o clero secular permearam a história da ordem durante todo o século XIII. A princípio, tratava-se de justificar sua inserção nas cidades e seu novo método de *cura animarum*; depois os frades precisaram defender-se contra acusações de todos os lados.

Não pretendemos afirmar, com isso, que a *Compilatio*, ou os outros textos em questão, foi escrita motivada, tão somente, por esses confrontos; ao contrário, nela parece não haver menção de acusações do clero secular e, quando este é citado, o uso do vocabulário sugere respeito, ainda quando se destacam os pecados dos padres. O que queremos dizer é que, talvez, seu conteúdo tenha sido interessante para os objetivos de legitimação dessa *cura animarum* específica, ligada à moralização e conversão das cidades, já que, segundo os textos, o clero secular não o fazia.

Nessas hagiografias, surpreendeu-nos a precisão da noção espacial de seus autores. As distâncias e as medidas são apresentadas com certa preocupação com a exatidão, aspecto este pouco comum em outros textos hagiográficos do período, o que nos faz pensar que as fontes franciscanas já demonstravam a transformação do quantitativo que o mundo urbano, ligado às práticas comerciais, estava trazendo para a compreensão da sociedade (5). Nesses textos, o mundo e as coisas no mundo não são amorfos. Talvez seja arriscado dizer que os autores compuseram um cenário tridimensional, cujas dimensões e cores assinalavam um aprofundamento nos modos de descrever a “realidade” de acordo com as mudanças sociais dos últimos decênios do século XIII, os quais afetaram as representações e as práticas sociais.

Os resultados desta pesquisa concluíram que as hagiografias franciscanas apresentam uma avaliação positiva das cidades e do mundo urbano. Tanto quanto o ermo, a cidade é o meio ambiente “natural” do frade menor, porque ele é chamado a exercer um apostolado de conversão. Os textos manifestam uma ambigüidade entre *ermo/cidade*, na medida em que tendem a relacionar a vida no ermo com a comunhão com Deus, pelo silêncio/oração (abastecimento), e a vida na cidade com o combate contra o pecado (esvaziamento espiritual). Penso que essa ambigüidade, ligada àquela presente nos opúsculos de São Francisco, deve-se à “cultura dos movimentos penitenciais” que, ao renunciarem o *século*, permaneciam geograficamente (especialmente) inseridos nele; no caso italiano, esse *seculus* é melhor expresso no universo citadino.

Esses textos foram escritos num ambiente de poderosas e importantes cidades comunais, como as da Lombardia. Assim sendo, a apreciação positiva do universo citadino pode ser percebida através dos detalhes fornecidos pelos mesmos, ainda que tais textos não tenham como intuito descrever as cidades. A abertura dada pelas hagiografias a esse mundo é reveladora da “amizade” entre ele e os frades. Nesse

sentido, mesmo quando são narrados episódios que expressam uma possível “baixa integridade espiritual” dos cidadãos – já que esses textos operam sob o binômio *pecado/conversão* –, percebe-se que não há desvalorização pura e simples do ambiente urbano. Embora, para os hagiógrafos, a cidade seja mais propensa ao pecado, isso não configura sua ilegitimidade social, pois o pecado seria um ato deliberado de afastamento da graça e, portanto, se os homens se emendarem, seu ambiente de vida, seja ele o campo ou a cidade, seria “santificado” por extensão. Sendo assim, o que faz o mal ou o bem das cidades é a vontade humana, sua propensão, para o bem ou para o mal. Nos textos, não é o ambiente que deturpa o homem, mas o homem que deturpa o ambiente. Nesse sentido, a visão de mundo franciscana afasta-se da monástica com relação à refutação do ambiente citadino e a contaminação espiritual e corporal que este pode trazer às pessoas.

Notas:

* Mestrando em História Social pela FFLCH-USP, sob a orientação do Prof. Dr. Marcelo Cândido da Silva. Esta pesquisa desenvolve-se com o apoio da FAPESP.

(1) BIGARONI, M. *Compilatio Assisiensis dagli Scritti di Fr. Leone su S. Francesco d’Assisi*. Edizione integrale dal Ms. 1046 di Perugia con versione italiana a fronte. Assisi: Porziuncola, 1975. DI FONZO, L. “De Inceptione Ordinis”. *Miscelanea Franciscana* 72 (1972) 117-483. LEGENDA TRIUM SOCIORUM. Texto latino disponível em multimeios: <http://www.franciscanos.net/teologos/fuentes/TriumSoc.htm>. (Acessado em 17/08/2004).

(2) DE CERTEAU, M. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2002. p. 277.

(3) URIBE, F. *Introducción a las hagiografías de San Francisco y Santa Clara de Asís* (siglos XIII y XIV). Murcia: Editorial Espigas, 1999. p. 293-294.

(4) FALBEL, N. *Os Espirituais Franciscanos*. São Paulo: Perspectiva, 1995. p. 108.

(5) Os hagiógrafos franciscanos organizaram o espaço situando os objetos através de esquemas binários, tais como *perto – longe*. A distância é descrita tanto por medidas artificiais, como as milhas, quanto por medidas biológicas, como a capacidade auditiva humana: a distância que o ouvido humano pode ouvir. Cf. *Compilatio Assisiensis*, 65, 66, 67, 68 e 108.